

MERCADO PÚBLICO DE ÁGUA FRIA: A FORMAÇÃO DE UM ENREDO COMERCIAL NO BAIRRO À LUZ DO SEU MARCO REFERENCIAL*

Bruno Maia Halley**
Daniella Burle de Loiola***

Resumo: O artigo trata de Água Fria, da trajetória do bairro no contexto da zona norte do Recife, que anteriormente, nos últimos decênios do século XIX, se constituía num pequeno arrabalde nascido do próspero povoado de Beberibe, situado às margens do rio homônimo. Centrado nesse plano histórico, o presente texto busca resgatar a segunda etapa de expansão do bairro, em meados do século XX, à luz do processo de modernização dos subúrbios recifenses. É um momento de construção do símbolo comercial do lugar, o Mercado Público de Água Fria, locus principal das relações sociais do seio comercial do bairro que confere identidade aos moradores de Água Fria, malgrado os novos modelos de consumo e comportamento subjacentes à vida de relações da metrópole, que afasta o morador do seu local de vivência, da sua vida de bairro.

Palavras-chave: Água Fria. Mercado Público. Identidade. Recife.

Public market of Água Fria: the constitution of a commercial entanglement in the neighborhood in the light of its reference landmark

Abstract: The article deals with Água Fria, with the trajectory of this neighborhood within the North Zone of Recife, that before, at the end of the nineteenth century was constituted by a small suburb born of the thriving town of Beberibe, situated on the banks of the river of the same name. Centered on this plan historical, the present article seeks to rescue the second phase of expansion of the neighborhood in the mid-twentieth century, in the light of the modernization process of the suburbs of Recife. It is a moment of construction of the commercial symbol of the place, the Public Market of Água Fria, the main locus of social relations hip of the commercial plot of the neighborhood which confers an identity to the residents in Água Fria, despite the new models of consumption and behavior underlying the life of social relations in the metropolis, which exclude the dwellers from their place of experience, of their neighborhood life..

Keywords: Água Fria. Public Market. Identity. Recife.

* O presente artigo tem seu tema associado à dissertação de mestrado do geógrafo Bruno Maia Halley, defendida no ano de 2010, no Programa de Pós-graduação em Geografia da UFPE, que tem como título *De Chapéu do Sol a Água Fria: numa Trama de Enredos, a Construção da Identidade de um Bairro na Cidade do Recife*.

** Doutorando em Geografia pela UFF e Pesquisador Associado do Laboratório de Estudos Sobre Espaço, Cultura e Política da UFPE. Email: bhalleype@hotmail.com.

*** Mestranda em Urbanismo pela UFRJ. Email: danioloiola@hotmail.com

CONSIDERAÇÕES INICIAIS

Este artigo trata de Água Fria. Do surgimento do bairro na perspectiva da zona norte do Recife, que anteriormente se constituía num pequeno arrabalde nascido do próspero povoado de Beberibe, este situado às margens do rio de mesmo nome. Com base nele dele, originou-se o “Beberibe de Baixo”, loteamento inicial dos atuais bairros do Arruda, Água Fria e Fundão. No limiar do século XX tiveram seu crescimento estimulado pelo trem suburbano da “maxambomba”,¹ tendo cada povoado possuído uma estação de embarque. A de Água Fria chamava Chapéu do Sol, um pitoresco ponto de parada, que possibilitara a ocupação dos terrenos lindeiros ao longo da Estrada Nova de Beberibe, como também dos morros, córregos e ladeiras do até então arrabalde. Outrossim, registra-se como marcos iniciais desse processo a Igreja de Santo Antônio e o Sítio do Pai Adão (terreiro de Xangô Obá Ogunté), ambos datados do último quartel do século XIX.

Contudo, dada a importância conferida ao mercado público do bairro e de seu enredo de relações sociais engendradas no âmago do lugar, o presente texto centra-se na análise desse edifício público surgido ainda em meados do século passado. É o momento da segunda etapa de expansão de Água Fria que impulsionou o reordenamento do seu espaço público a partir do processo de modernização dos subúrbios recifenses. Assim, buscando elucidar a formação do bairro no contexto setentrional da cidade do Recife mostrar-se-ão inicialmente os meandros históricos de Água Fria, decifrando a trajetória de arrabalde a bairro no decorrer dos primeiros decênios do século XX. Em seguida, o texto irá desconstruir a modernização do bairro com a conformação de um enredo comercial à luz da construção de um mercado público, da efetivação da feira livre no entorno do mercado e da edificação de prédios suburbanos modernos no lócus inicial de ocupação do lugar.

Por último, discorrer-se-á a propósito da legitimação de um enredo no entorno do mercado público materializado pelas relações processadas no seu interior, na feira livre, nas bodegas e mercearias, bem como nas outras lojas de comércio estabelecidas no centro do bairro. Os contatos estabelecidos no âmago de Água Fria a partir desses pontos de encontro denotam um

¹ O serviço das maxambombas (trens urbanos) inaugura-se com a empresa Trilhos Urbanos do Recife e Apipucos, em 1867; os trens a vapor partiam da Praça da República, passando pelo Largo do Entroncamento e seguiam até Apipucos. A partir daí, os trilhos foram estendidos até Encanação (Dois Irmãos) e posteriormente, em 1870, até Caxangá. Nesse mesmo período, surgem duas novas extensões à linha principal. Do Largo do Entroncamento, onde havia uma estação com várias plataformas, partiam os trens dos ramais da Várzea e dos Afritos. Uma nova companhia obteve concessão para instalar uma linha de Trilhos Urbanos do Recife a Olinda. Assim, em 1870, iniciou-se um tráfego experimental diário entre Recife e Varadouro, com uma linha de 12km de extensão e uma bitola de 1,32m. A estação central foi construída na Rua Visconde de Rio Branco (Rua da Aurora) e foi aberta em 1873. Até o ano de 1922, as maxambombas trafegaram na cidade do Recife.

envolvimento dos moradores com o lugar, malgrado os novos modelos de consumo e comportamento subjacentes à vida de relações da metrópole, que afasta o morador do seu local de vivência, da sua vida de bairro. Daí emana um sentimento de pertencimento ao lugar, aqui entendido como um traço da identidade de Água Fria no bojo do seu enredo comercial.

DECIFRANDO OS MEANDROS HISTÓRICOS DE ÁGUA FRIA: A TRAJETÓRIA DE ARRABALDE A BAIRRO

Até os primeiros anos do século XX, o arrabalde de Água Fria apresentava uma infra-estrutura deficiente. Compunha-se de ruas estreitas e acanhadas com nomes santificados (São João, São Pedro, São Paulo, Santo Antônio) e excêntricos (Rua Sete Pecados, Beco da Beliscada, Rua das Pititas, Beco do Xamego e Rua dos Cavalos). Eram todas sem saneamento, com casas de palha, algumas de taipa, e outras de tijolo, localizadas em meio a sítios próximos à estação de trem.

No entanto, com o processo de modernização dos subúrbios recifenses, iniciado ainda no segundo decênio do século XX,² o referido arrabalde conheceu mudanças significativas na sua fisionomia, principalmente após a substituição do transporte de maxambomba pelo bonde elétrico, que tornara a comunicação mais rápida com outros lugares e, por conseguinte, com o núcleo central da cidade (bairro do Recife, Santo Antônio, São José e Boa Vista), que já se mostrava naquele instante reformado, ampliado e modernizado.³

Implantado em 1914 pela *Pernambuco Tramways and Power Company Ltd.*, o sistema de bondes elétricos trafegou inicialmente nos bairros centrais do Recife e arredores próximos. Contudo, em meados dos anos 20, houve uma grande ampliação de suas linhas, que passaram a conectar todas as partes da cidade, inclusive a vizinha Olinda. A linha intermediária de Água Fria, inaugurada em 1922, iniciou suas atividades substituindo a

² De acordo com Moreira (1994), a modernização dos subúrbios recifenses representou o período do governo Sérgio Loreto (1922-1926) em Pernambuco e o momento posterior, caracterizando-se desde a fase de erradicação dos mocambos (1930-1945), empreendida pelo governo Agamenon Magalhães, até a construção dos prédios suburbanos nos bairros da Encruzilhada, Afogados e Casa Amarela nos anos de 1950-60. Contudo, ainda na década de 1920, já se observava a urbanização da periferia imediata do centro (a Campina do Derby), a construção da Avenida Boa Viagem, e a modernização de antigos largos e praças, que se estenderia no decênio de 1940 a outros pontos da cidade, inclusive à zona norte.

³ Segundo o historiador Antônio Paulo Rezende (2002), no início do século XX, o Recife queria ser moderno. As duas primeiras décadas do século passado conviveram com as mudanças que ocorriam com a expansão das práticas capitalistas. Houve, assim, a modernização do centro-portuário, a construção de casas populares, a erradicação dos mocambos, os aterros dos mangues, a ampliação dos serviços de luz elétrica, a abertura de ruas e avenidas, a reorganização dos serviços de higiene e saúde públicas, e a implantação de medidas disciplinadoras com relação à coleta do lixo. Além disso, destacaram-se o plano do engenheiro Saturnino de Brito e as obras feitas para sua concretização, marcantes para a estrutura urbana do Recife.

maxambomba na Estrada Nova de Beberibe, onde também foram erguidos postes de embarque nas proximidades das antigas estações do trem a vapor.

A partir desse momento, as distâncias são diminuídas, os acessos aos arrabaldes foram facilitados, ocasionando uma paulatina estruturação do espaço urbano recifense nos seus arredores. Em decorrência disto, o uso do solo e a paisagem desses arredores vão sendo modificados, “[...] pontes foram construídas, sítios subdivididos, ruas abertas e calçadas e casas edificadas” (MOREIRA, 1994, p. 51). Associa-se também aos benefícios da tração elétrica o saneamento, a assistência pública, a iluminação também elétrica, o aparecimento de cinemas suburbanos, a criação de outros hábitos e costumes etc.

No bojo dessas mudanças, os subúrbios recifenses deixam de ser povoações isoladas e separadas do contexto do urbano e passam a ser continuidade do tecido. Com efeito, o povoado de Água Fria expande-se, sofrendo inúmeras intervenções, dentre as quais se sobressaem aquelas inicialmente processadas na Capela de Santo Antônio que virou igreja. Datada de 1873, a igreja era uma capela até o ano de 1926, ligada à Igreja de São Pedro Mártir, em Olinda. Entre os anos de 1926 a 1939, ficou sob a jurisdição da Igreja da Nossa Senhora da Conceição, em Beberibe, tornando-se paróquia em março de 1939. Nesse mesmo ano, no mês de junho, concluiu-se a construção do atual templo religioso, inaugurado durante a realização da tradicional procissão de Santo Antônio, que naquele momento já se destacara, conforme mostra o *Jornal do Comércio*, de 14 de junho de 1939:

Ocorreram brilhantes e piedosas as festividades de caracter religioso celebradas, hontem, nesta capital, em louvor do grande thaumaturgo franciscano Santo Antonio de Lisboa. [...]. Nas matrizes de Santo Antonio e do Arruda, nas igrejas do convento de São Francisco e do Espírito Santo, houve missas solenes com comunhão, saindo, à tarde, da matriz do Arruda (e Água Fria) e da Igreja do convento de São Francisco, ambas nesta cidade, piedosas procissões com a imagem do grande santo português.⁴

Em 1942, ao lado da igreja católica (Figura 01), foram erguidas a casa paroquial e o Colégio Santo Antônio, este último construído num amplo terreno outrora ocupado por uma antiga casa de sítio e por alguns mocambos. A construção dessa escola veio a atender às necessidades dos arrabaldes situados às margens do Riacho Água Fria, que até então se apresentavam carentes de maior assistência educacional. Tempos decorridos, porém, a prefeitura municipal edificou outra unidade de ensino, o Grupo Escolar Dom Sebastião Lemos, que logo depois se chamaria Escola Alfredo Freyre, em homenagem ao pai do ilustre sociólogo pernambucano, Gilberto Freyre.

⁴ Festas em Louvor de Santo Antônio. *Jornal do Comércio*. Recife, 14 de junho de 1939 (s.p.).

Em sintonia com as transformações ocorridas numa cidade que buscava modernizar seus endereços suburbanos, o bairro de Água Fria ostentou no passado um importante símbolo da arte cinematográfica do Recife, o antigo Cinema Império. Construído em 1945, o suntuoso cinema de ampla sala de exibição encontrava-se situado no cruzamento da estrada nova com a Estrada Velha de Água Fria, e representava em si a principal opção de lazer do bairro. Anos depois, contudo, ao longo dessas referidas vias foram erguidas mais duas salas de espetáculo, o Cine Olympia e o Cine Pompéia.

Remonta a desse período também a construção de um abrigo em frente ao Cinema Império, utilizado tanto para o sistema dos veículos elétricos, como também para os pequenos ônibus da Viação São João.⁵ Sua construção acarretou na demolição do pitoresco Chapéu do Sol, restando apenas sua antiga designação tomada emprestada pelo então recém construído ponto de embarque e desembarque.

Concomitantemente à construção desse abrigo, havia naquele instante a necessidade no Recife de pavimentar algumas vias públicas na tentativa de estabelecer uma ligação mais rápida entre os arrabaldes e as demais partes da cidade. Com efeito, no ano de 1947, houve o calçamento da Estrada de Belém e a de Beberibe (Figura 02), ambas favorecendo a comunicação com os subúrbios da zona norte (PONTUAL, 2001).

Embora parcialmente pavimentada, em paralelepípedo sobre o concreto, a Estrada de Belém contemplava os bairros do Hipódromo e Campo Grande, enquanto a de Beberibe atendia aos bairros da Encruzilhada, Ponto de Parada, Arruda e Água Fria. Nesse trecho (Encruzilhada-Água Fria), além do calçamento, houve a instalação de luminárias, a retificação de ruas e calçadas e a reforma de largos e chafarizes públicos. Na altura do bairro do Arruda substituiu-se uma ponte de madeira por um pontilhão de concreto sobre o Riacho Água Fria, que já apresentava seu leito bastante reduzido em razão dos inúmeros aterros ali realizados (Figura 03). Anos depois, esse curso d'água foi transformado num extenso canal projetado desde o bairro de Vasco da Gama, no Recife, até Peixinhos, na divisa com Olinda.

Com o acesso facilitado e modernizado, a Estrada Nova de Beberibe configurava-se como um importante eixo a adentrar pelo interior, estimulando a ocupação dos sítios e terrenos lindeiros a partir da emergência de novos empreendimentos, a exemplo do Mercado Público da Encruzilhada e do Santa Cruz Futebol Clube. Durante o governo Sérgio Loreto (de 1922 a 1926), o primeiro mercado da Encruzilhada foi construído no edifício da Companhia dos Trilhos Urbanos. Devido ao progresso, que exigia mais e

⁵ Naquele instante (1940), simultaneamente ao tráfego de bondes elétricos, já se fazia presente na cidade do Recife o transporte dessas pequenas conduções da Viação São João.

⁶ Dessa década, também se registra a conformação do atual Largo da Encruzilhada, bem como da biblioteca e maternidade pública, e da Escola Técnica Estadual Agamenon Magalhães – ETAPAM, erguidos na área central do bairro (HALLEY, 2009).

mais medidas modernizantes, construiu-se na gestão do prefeito Manuel César de Moraes Rêgo outro mercado junto ao antigo, sendo entregue à população em dezembro de 1950.⁶ Conforme anunciou o *Jornal Pequeno* na época: “[...] nem mesmo os grandes centros do Rio e de São Paulo possuem coisa igual, o que constitui, sem dúvida alguma, um orgulho para os pernambucanos [...]”.⁷



Fonte: Arquivo Pessoal de Bruno Maia Halley, Junho de 2009.

Figura 1: Paróquia de Santo Antônio do Arruda e Água Fria (ao centro, o templo religioso construído em 1939 na Rua Zeferino Agra; ao lado da igreja a antiga Escola Santo Antônio hoje transformada no salão paroquial).

O Santa Cruz chegou ao bairro do Arruda em 1943,⁸ instalando sua sede no casarão que outrora abrigava a estação de maxambombas. Em 1954, o clube comprou um terreno na frente de sua sede e iniciou, a partir de meados da década seguinte, a construção do Estádio José do Rego Maciel e de suas dependências sociais e esportivas (parque aquático, ginásios etc.), que só seriam finalizados em 1982.

⁷ Moderno Edifício para o Mercado Público da Encruzilhada. *Jornal do Pequeno*. Recife, 11/12/1950, s. p..

⁸ O Santa Cruz Futebol Clube foi fundado em 3 de fevereiro de 1914 no Pátio de Santa Cruz (daí o seu nome) no bairro da Boa Vista e, antes de se fixar no Arruda, passou por outros lugares na cidade (vide www.coralnet.com.br).



Fonte: Museu da Cidade do Recife, Livro 4, Tombo 03813.

Figura 2: Calçamento da Estrada Nova de Beberibe no Bairro de Água Fria em 1947 (a linha férrea dos bondes elétricos; os operários na pavimentação da via pública; as casas comerciais na margem esquerda da estrada; e a ocupação rarefeita dos morros ao fundo).

Neste mesmo período, em meados do século XX, outro marco simbólico estabelecido na Estrada Nova de Beberibe foi o Mercado Público de Água Fria, que teve sua construção iniciada em 1952. A edificação do prédio público processou-se no âmbito do bairro, nas proximidades do Cinema Império e da feira livre, estabelecendo um reordenamento do espaço central, além da legitimação de um enredo comercial no bojo do lugar, fortalecido com o advento dos edifícios suburbanos modernos no entorno do mercado, ainda no sexto decênio do século passado, conforme será visto na sequência.

MERCADO PÚBLICO DE ÁGUA FRIA: UM MARCO REFERENCIAL DO BAIRRO

Situado na Avenida Beberibe, o Mercado Público de Água Fria, teve sua construção iniciada em 1952. A inauguração ocorreu em 1954 (Figura 05), durante a gestão do prefeito José do Rego Maciel, e o mercado iniciou suas atividades de forma semelhante aos demais da capital pernambucana, com pequenos boxes em que se vendiam, primordialmente, frutas, verduras e outros gêneros alimentícios. Na edição de 25 de janeiro de 1954, o Diário de Pernambuco ressaltou a importância do espaço público para a cidade do Recife e, consequentemente, para o bairro de Água Fria e adjacências:

Um empreendimento que honra a administração da cidade. Água Fria tem, desde ontem, seu mercado modelo [...]. Realizou-se ontem, com a presença do Governador do Estado Dr. Etelvino Lins, prefeito José do Rego Maciel, autoridades civis e militares, vereadores da câmara municipal e convidados a inauguração solene do Mercado de Água Fria, melhoramento que se fazia indispensável no populoso bairro e que irá atender os numerosos subúrbios vizinhos.⁹

O edifício do mercado, construído em forma de hangar, procurou adaptar-se as exigências de higiene da época: ventilação, iluminação, ruas a céu aberto, locais especiais para as carnes, pisos e instalações sanitárias adequadas, uso de azulejos etc. Defronte ao mercado, efetivou-se a conformação do Largo de Água Fria, com a presença de jardins, estatuetas e placas comemorativas, estas alusivas à construção do mercado no ano do tricentenário da Restauração Pernambucana.

No entorno do largo processou-se a reorganização de ruas, praças e calçadas, com a retificação do traçado, calçamento e pavimentação das vias que iriam se tornar as principais artérias do bairro na atualidade. A título de exemplo, a Rua João Uzeda de Luna constituía-se nas primeiras décadas do século passado, em um arruado estreito de função estritamente residencial, sem calçamento ou qualquer tipo de infra-estrutura.¹⁰ Tempos depois, no entanto, a mesma via representaria um importante eixo comercial, abrigando uma variedade de empreendimentos (supermercados, armazéns, frigoríficos etc.), entre os quais a diversificada feira livre do bairro.

⁹ Um Empreendimento que honra a administração da cidade. Diário de Pernambuco. Recife, 25 de janeiro de 1954, p. 4.

¹⁰ Segundo depoimento em 15 de janeiro de 2010 de Seu Walfrido José da Silva, sobrinho do lendário Pai Adão (Felipe Sabino da Costa) e morador de Água Fria há 94 anos.



Fonte: Museu da Cidade do Recife. Livro 1, Tombo 00561.

Figura 3: Construção do Pontilhão do Arruda em 1947 (no primeiro plano, o Riacho Água Fria; sobre a ponte o ônibus da Viação São João e os operários da obra; e no segundo plano, os altos coqueiros existentes nos sítios da época).

Aqui faz-se importante mencionar que, com o advento do mercado, a antiga feira do bairro, a Beliscada (Figura 06), transferiu-se das proximidades do antigo Chapéu do Sol para as ruas paralelas existentes nas cercanias do então inaugurado prédio público. Semelhantemente às outras feiras livres da cidade do Recife (Casa Amarela, Afogados, Beberibe, entre outros.), a de Água Fria consolidou-se a partir da construção desse mercado criado com a intenção de comportar, de forma permanente e menos precária, o comércio popular cada vez mais crescente no subúrbio.

No entanto, não obstante as melhorias processadas no bairro, só no início da década de 1960, os serviços de abastecimento de água e energia elétrica foram regularizados em Água Fria. Antes, em sua grande maioria, o bairro era abastecido por chafarizes e cacimbas localizadas em alguns trechos nas estradas de Beberibe e Água Fria ou ainda em alguns locais específicos nos morros. Outrossim, o serviço de energia elétrica era fornecido pela companhia *Beberibe Electric* que atendia à população de forma igualmente precária. Segundo o senhor Israel Francisco de Assis, antigo morador do bairro,

(...) existia apenas um chafariz na estrada velha e outro na subida da Ladeira de Pedra, ao lado do Colégio Rotary. Ali todos tomavam banho, um pertinho do outro... o sistema de luz era ruim... chegava aqui uma luz bem fraquinha... só dava pra acender uma lâmpada.



Fonte: Museu da Cidade do Recife. Livro 1, Tombo 00070.

Figura 4: Mercado Público de Água Fria em 1954 – o edifício em forma de hangar na Estrada Nova de Beberibe; à esquerda, a Rua Japaranduba ocupada por algumas barracas; e em frente ao mercado o largo público e o poste de parada dos bondes elétricos no canto direito da imagem.

Até a terceira década do século XX, Água Fria, juntamente com outros arrabaldes próximos (a exemplo de Fundão, Beberibe, Arruda, e Porto da Madeira), pertencia ao município de Olinda. Passa a partir de então, à tutela de Recife, o que já aparece na primeira divisão municipal da cidade em 1949, compondo a zona administrativa de Beberibe.¹¹ Porém, o abastecimento de água permanecem sendo controlado pelo município vizinho, funcionando irregularmente em face à manutenção deficiente dos condutos e à pouca oferta de água de Olinda. O fornecimento de energia também mostrava-se deficiente devido à carência do material de instalação elétrica por parte

¹¹ Conforme pode ser atestado no Atlas Ambiental da Cidade do Recife (2000).

da empresa. Essa penúria se estendeu até os idos dos anos 60 quando tais serviços foram ligados à capital.

Nesse mesmo decênio (1960), o bairro de Água Fria conheceu um tipo particular de edifício suburbano da cidade do Recife, também encontrado nos bairros da Encruzilhada, Afogados, Casa Amarela etc. Caracteriza-se por até quatro pavimentos e pelo uso misto de comércio e habitação. Em torno do mercado e da feira livre esses edifícios se estabeleceram, instituindo igualmente uma forma de habitar e comercializar até então inédita no bairro, o apartamento moderno e a galeria comercial, juntos em uma mesma edificação.¹²

Com o advento dos prédios suburbanos, o bairro acabou por conformar um centro comercial no seu interior, mais precisamente na área inicial de sua ocupação. Deste ponto surgiram diversos empreendimentos em Água Fria: leiterias, padarias, sapatarias, agências bancárias, lojas de eletro-eletrônicos etc., todos situados na circunvizinhança da feira livre, do abrigo de bondes, e do mercado público. Trata-se de elementos símbolos do lugar que compõem juntamente com a Igreja de Santo Antônio e o Sítio de Pai Adão, o núcleo dinâmico e inicial do bairro desde o limiar do século XX.

A coexistência desses marcos referenciais impulsionou o processo de ocupação dos morros, ladeiras e córregos de Água Fria, que ocorreram simultaneamente à modernização do bairro, na área correspondente à planície recifense. O processo de povoamento dos outeiros por uma população pobre, de trabalhadores informais, ambulantes, migrantes do interior e de adeptos das religiões afro-brasileiras, possibilitou a formação dos aspectos singulares da vida do bairro. É uma vida de relações marcada pelo engajamento de seus moradores no que diz respeito à identidade do lugar, conforme mostrar-se-á na sequência à luz de um enredo comercial local, caracterizado pela legitimação de um conjunto de ações calcado por certos marcos referenciais, a exemplo do mercado público e da feira livre do bairro.

¹² A propósito dos edifícios suburbanos modernos do Recife, ver-se Rolim (1999).



Fonte: Museu da Cidade do Recife. Livro 1, Tombo 000659.

Figura 5: Feira de Livre de Água Fria (“Beliscada”) na década de 1940 – Carroças, barracas e tendas no encontro da Estrada de Beberibe com a Estrada Velha de Água Fria; as linhas elétricas dos bondes na estrada nova; e a presença de antigos moradores e comerciantes na localidade.

O MERCADO PÚBLICO E A FEIRA LIVRE: UMA LEITURA DO ENREDO COMERCIAL DE ÁGUA FRIA NO ÂMAGO DO LUGAR

Desde o limiar do século passado, o bairro de Água Fria apresenta uma personalidade vinculada à função comercial. As ruas tortas e acanhadas do outrora arrabalde que integravam o antigo Beberibe de Baixo (Água Fria, Arruda e Fundão) já detinham no seu interior um comércio rotineiro, que atendia de forma precária à população pobre ali existente. Nas suas cercanias havia vacarias, currais, atividades de carroceiros, uma pequena feira, mercearias e bodegas. São os primeiros indícios de uma vida de bairro caracterizada na atualidade por uma expressiva atividade comercial, ainda fortalecida, em meados do século XX, com o advento de um mercado público símbolo do lugar.

Inaugurado em 1954 (Figura 06), durante as comemorações do tricentenário da Restauração Pernambucana, o mercado público de Água Fria foi construído na gestão do Prefeito José do Rego Maciel,¹³ num local

¹³ A construção do Mercado Público de Água Fria iniciou-se na gestão do Prefeito Antônio Pereira, passando depois, pela gestão do prefeito Etelvino Lins e, por fim, pela administração do prefeito José do Rêgo Maciel.

anteriormente ocupado por um sítio ocioso, situado na margem da então Estrada Nova de Beberibe (hoje, Avenida Beberibe). Sua estrutura física erguida em forma de hangar, encontra-se atualmente dividida em cerca de 110 boxes distribuídos entre setenta e três locatários.¹⁴

As numerosas e variadas atividades desenvolvidas no mercado incluem desde a comercialização de cereais, frutas, verduras, produtos de mercearia, artigos importados, confecções e carnes até a criação e comercialização de animais vivos (carangueijos, aves), a prestação de serviços diversos – por cabeleireiros, barbeiros, sapateiros etc. –, sem falar nos bares, na banca de jogo do bicho e nos inúmeros fiteiros. Na entrada do mercado, nota-se também a presença de uma loja especializada em artigos religiosos, mormente ligados à cultura afro-descendente tão fortemente enraizada no contexto do bairro, muito em razão da presença do Terreiro de Xangó Obá Ogunté (o Sítio de Pai Adão) no âmago do lugar desde o último quartel do século XIX.

Por sua configuração interna e fisionomia externa, o Mercado de Água Fria constitui-se num dos principais marcos referenciais do bairro. Responsável por legitimar um enredo próprio imbuído por sintomáticas relações econômicas e sociais, sempre abertas e convidativas para quem ali passa. Segundo Dona Ivonete de Paula, comerciante de Água Fria há quarenta e cinco anos, “ele é o único prédio dentro do bairro que recebe todo tipo de gente. Todo tipo de gente vem aqui. É de fora, é daqui, é de todo canto”.

¹⁴ Dados obtidos no estudo de Nóbrega,(2002).



Fonte: Museu da Cidade do Recife, Livro 3, Tombo 02807.

Figura 6: Inauguração do Mercado Público de Água Fria em 1954 (o pátio do mercado público ajardinado; por trás da construção os sítios frutíferos da época margeando a Estrada Nova de Beberibe).

Conforme exposto antes, sua edificação buscou atender, de forma permanente e menos precária, ao comércio popular do bairro, que se mostrava estimulado em decorrência do expressivo aumento populacional da zona norte do Recife nos decênios de 1940-50. Contudo, vale ressaltar que naquele instante já se fazia presente, nas proximidades da antiga estação Chapéu do Sol, a feira livre da “Beliscada”, caracterizada como um pequeno conjunto de tendas e barracas espalhadas irregularmente nas estradas e becos de Água Fria (Figura 07).

Com a construção do edifício público, a “Beliscada” saiu do beco homônimo, passando a se estabelecer diariamente na frente do mercado, no lugar outrora ocupado pelo pátio público do bairro. Atualmente, a feira também se estende por outros espaços de Água Fria, situando-se por toda a extensão da Rua João Uzeda Luna (Figura 08), parte da Rua Dr. Eudes Costa e início da Rua Japaranduba, vizinha ao mercado. A feira é composta por bancas de cereais, frutas, legumes, hortaliças, material de limpeza e outros produtos oferecidos aos transeuntes pela dupla via da exposição visual e da oferta verbalizada nos pregões. De permeio, encontram-se caixotes e tabuleiros mais modestos, oferecendo condimentos, ervas, pentes e espelhos, válvulas para panelas de pressão e uma infinidade de miudezas, úteis ao lar.

No domingo, dia mais intenso de feira, o ritmo do bairro se alvoroça, sobretudo ao redor do mercado público (Figura 09), local de compras de um número considerável de pessoas. A feira atende não apenas a uma população de baixo poder aquisitivo, mas também a pessoas que residem perto de Água Fria (Arruda, Cajueiro, Fundão, Mangabeira etc.) e têm padrão de renda relativamente elevado, muitas delas antigos moradores do bairro. Nas calçadas e ruas estreitas de Água Fria, rivaliza as atenções com as casas de comércio, dificultando a circulação, tanto dos veículos quanto dos pedestres.

Anteriormente, como tentativa de solução para tal problema, no início do decênio de 1990, durante a gestão do prefeito Jarbas Vasconcelos, a feira livre transferiu-se para um terreno pouco distante do mercado, localizado na Estrada Velha de Água Fria. O extenso terreno, outrora pertencente ao Sítio de Pai Adão, passou a abrigar a feira do bairro, com tendas padronizadas, local para estacionamento e banheiros públicos. No entanto, não satisfeitos no novo endereço, pouco tempo depois os feirantes voltaram a comercializar nas redondezas do mercado, provocando o esvaziamento do pátio projetado.¹⁵ O retorno dos feirantes deve-se à necessidade de um contato mais próximo com o consumidor, tanto o do mercado, como o das ruas mais movimentadas do lugar (Avenida Beberibe, Rua Dr. Eudes Costa, e Rua João Uzeda Luna – ligação principal com o Córrego de São Sebastião, Alto do Pascoal e Alto do Bonito). A propósito, os depoimentos de alguns moradores e comerciantes também apontam os possíveis motivos do regresso da feira livre ao local de origem, ou seja, aos arredores do mercado.

Pra mim era difícil ir para o lado de lá. Não tem movimento ali. Eu achei que não ia dar certo. Os comerciantes de lá todos trabalhavam aqui. Quando foram lá... Coitados! Fracassaram tudo, muitos deixaram de negociar. Ali na frente têm duas que voltaram, uma é Dona Lia. Tem um bocado que veio de lá pra cá. (Dona Ivonete de Paula – comerciante e moradora de Água Fria há sessenta anos). No início achei que foi bom, pois ficou tudo limpo, depois começaram os assaltos, começando assim a repercussão negativa, afastando os clientes da feira. O movimento ficou fraco, e os feirantes foram voltando para o largo de Água Fria. (Seu Francisco Fabiano de Lima Filho – comerciante do mercado público de Água Fria há trinta e cinco anos). Olhe é porque a feira é o seguinte, a feira não pode sair do meio do comércio. Pode “botar” no chão, mas se não tiver no meio do comércio o cliente não vem! Por isso não deu certo lá na estrada velha. (Seu Nelson Martins – feirante e morador de Água Fria há sessenta e três anos).

¹⁵ O pátio da feira livre de Água Fria ocupava uma área total de 2.987m² e foi inaugurado no dia 13 de outubro de 1993, com capacidade para 294 bancos de feira. Com o seu abandono, o Movimento dos Sem-Teto ocupou o local, sendo logo depois retirados. Recentemente, a prefeitura municipal iniciou a construção de uma unidade médica local, a policlínica de Água Fria, com data prevista de inauguração no primeiro semestre de 2011.

O relato de Seu Nelson Martins, além de sintomático, aponta um aspecto que singulariza Água Fria. Quando ele fala que a feira não pode sair do meio do comércio, pois dessa forma o cliente não vem, deixa evidente a importância conferida ao coração do bairro, nesse caso também compreendido como um coração comercial (Figura 10), marcado pela coexistência da feira livre, do mercado público, e das inúmeras casas comerciais, todas situadas nas ruas mais intensamente transitadas e vivenciadas do lugar.¹⁶ Segundo Seu Francisco Fabiano a importância conferida ao coração de Água Fria deve-se à influência mútua desses elementos citados, conforme é possível atestar no seu depoimento.

Tudo faz um todo, porque se tivesse apenas as lojas e não a feira, tudo seria mais complicado, mais distante. Porque as pessoas vão a um local, onde tenha tudo pra comprar. Por exemplo, se eu tivesse que pegar agora um ônibus e ir ao Arruda, eu não iria. O Arruda praticamente não tem comércio. No caso eu realizo minhas compras ou em Água Fria ou na Encruzilhada, pois lá você vê que tem mais opções de compras. Tem tudo o que você precisa. (Francisco Fabiano de Lima Filho – comerciante de Água Fria há trinta e cinco anos).



Fonte: Museu da Cidade do Recife, Livro 1, Tombo 00660.

Figura 7: Barracas e Casas Comerciais em Água Fria no início de 1940 (a Estrada Nova de Beberibe, no trecho hoje correspondente ao encontro desta via – Avenida Beberibe – com a Estrada Velha de Água Fria).

¹⁶ O centro comercial de Água Fria é composto pela Avenida Beberibe, Rua Alegre, Rua Dr. Eudes Costa, Estrada Velha de Água Fria, Rua Júlia Ramos, Rua Japaranduba, Rua João Uzeda Luna, Rua Córrego de São Sebastião e Rua da Regeneração.

Registra-se igualmente que nos centros comerciais desses bairros (Encruzilhada e Água Fria), há entre eles alguns pontos em comum, dentre os quais se sobressai a forte identidade dos moradores com o lugar, o que propicia uma análise dos mesmos como produto das relações sociais humanas com base nas relações sociais que se realizam no plano do vivido, no plano do cotidiano, em que o homem se reconhece, porque é o lugar da vida (CARLOS, 1996). E, segundo, a existência de práticas sociais, que, mesmo sendo comum aos bairros, no bojo dos seus corações simbólicos se mostram mais expressivas. Nesse sentido, as falas de alguns moradores e comerciantes bem demonstram a ligação afetiva do indivíduo com o lugar, seja na feira livre, seja no mercado público.

Meu filho! Vou lhe dizer uma coisa, adoro Água Fria! Eu moro aqui na feira, e passeio em casa. Se eu chego nove, dez horas da noite, quatro da madrugada... Eu já estou aqui novamente. Então eu moro aqui. Tudo o que eu fizer pela feira, é com amor, com carinho, com respeito. (Seu Nelson Martins – feirante e morador de Água Fria há 63 anos).

Olhe, eu gosto de trabalhar nele (no mercado), eu gosto de viver nele. Aqui é praticamente a minha casa. Eu posso trabalhar, eu posso conviver com outras pessoas. É muito bom isso! (Dona Ivonete de Paula – moradora de Água Fria há 60 anos).

Eu gosto daqui! É aqui em Água Fria que eu ganho o meu pão, que vivo, que criei os meus filhos com muito sacrifício. Mas graças a Deus eu vivo feliz. (Socorro Silva – feirante e moradora de Água Fria há 55 anos).

Trilhando nessa direção, outro aspecto interessante de Água Fria refere-se a algumas formas antigas de comércio. Ao caminhar pelos becos, vielas e ruas do centro comercial percebe-se que ainda sobrevivem no âmago do bairro pequenos negócios, tão antigos quanto o lugar, que integram parte de uma economia calcada em relações de confiança, notadamente as relações de vizinhança e compadrio, o que respalda, assim, o conceito de bairro, expresso por diversos autores como um lugar “elementar, cujos nexos são a vizinhança, o parentesco e o compadrio. Foi pela articulação destes três níveis que o bairro ganhou realidade, traduzindo-se como vida de bairro, produzindo profundos enraizamentos.” (SEABRA, 2000, p. 12).

Nas esquinas densamente povoadas da trama local, como também nas ruas localizadas no entorno próximo, as antigas mercearias e bodegas ainda sobrevivem no bairro de Água Fria, apresentando uma fisionomia desgastada, paredes mal consolidadas, comumente freqüentadas pelos mesmos clientes. Outrossim, suas prateleiras e estantes expõem variados tipos de mercadorias: carne de charque, farinha, milho verde, manteiga, aguardente, barbante, fumo de corda, feijão... Enfim, um sortimento de produtos comercializados ainda no sistema de vendas na caderneta.



Fonte: Arquivo Pessoal de Bruno Maia Halley, Janeiro de 2010.

Figura 8: Feira Livre de Água Fria (barracas e tendas na Rua João Uzeda Luna; as casas comerciais nos flancos; e os feirantes e clientes no centro comercial do bairro).

Esses pequenos negócios (mercearias, bodegas, fiteiros etc.), portanto, constituem-se em formas pretéritas do capital, baseadas em relações de confiança subjacentes as relações de vizinhança e compadrio. Sua clientela compõe-se de antigos moradores do bairro de baixo poder aquisitivo, que mantêm com o proprietário uma cumplicidade construída no âmbito da dimensão cotidiana. Dessa forma,

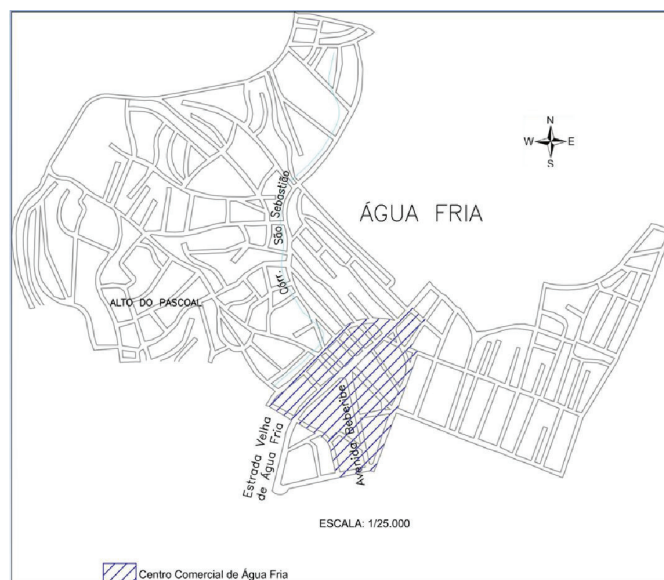
O freguês do caderno só pode existir onde as pessoas se conhecem e têm confiança uma nas outras, quer dizer, num meio de relações personalizadas. O “sistema” implica numa forma peculiar de democracia, pois beneficia indistintamente os iguais em termos da moralidade, da confiança (FERREIRA DOS SANTOS, 1985, p. 89).



Fonte: Arquivo Pessoal de Bruno Maia Halley, janeiro de 2010.

Figura 9: Mercado Público de Água Fria (o edifício em forma de hangar, os feirantes no pátio do mercado; e os transeuntes na Avenida Beberibe).

No contexto de Água Fria, os antigos pontos comerciais, característicos de um modo de vida anterior, configuram-se como espaços de sociabilidade, capazes de atrair um expressivo número de pessoas. Eles representam em si lugares de descanso e comunhão, onde os indivíduos se sentem entre os “seus”, refazendo-se da jornada diária do trabalho, por meio dos jogos de dominó, das conversas amistosas, das pequenas discussões travadas sob o balcão de madeira etc. Os temas debatidos entre o freguês e o comerciante encontram-se marcados por certa personalidade, sempre possível nessa forma tradicional de relação, onde os contatos não se estabelecem apenas entre situações mediadas pelo dinheiro.



Fonte: Unibase/1997

Figura 10: Centro Comercial de Água Fria

Desenho: Bruno Maia Halley / André Pereira Marinho

Por outro lado, no âmbito das coações impostas pela metrópole, observa-se em Água Fria a emergência de um novo modo de vida, marcado por relações frias, anônimas e impessoais. Trata-se dos contatos estabelecidos pela rede de supermercados, magazines e lojas de comércio especializado, que impõem no coração do bairro uma relação indireta entre as pessoas do lugar.¹⁷ À luz desse contexto, o mercado, a feira e as antigas mercearias enfraquecem suas atividades, a costureira se transforma de criadora de roupas em sua mera reparadoura, o sapateiro deixa de fazer calçados, o consertador de panelas torna-se um profissional raro... Diluem-se, assim, os antigos aspectos do comércio de bairro face as novas relações marcadas por um individualismo associado à uma inteligibilidade social, contraposto do sentido de bairro enquanto refúgio envolto de relações cotidianas e de identidade, onde a solidariedade é ainda exercitada.

¹⁷ No ano de 2008, houve a inauguração de uma unidade da rede internacional Electra/Banco Asteca no centro de Água Fria, contando com a presença até do Presidente da República no ato comemorativo. A estrutura da loja e do banco substituiu uma antiga padaria no bairro (Padaria 10 de Janeiro), marco da população local de propriedade do lendário Sebastião Vasconcelos. Nas entrevistas com os moradores constatou-se o sentimento de perda com o fim da padaria situada na esquina do Beco da Beliscada e doravante, a estranheza com relação ao prédio moderno que abriga a unidade de multinacional mexicana.

Contudo, malgrado os novos modelos de consumo e comportamento, persistem aqui e acolá velhas formas e práticas cotidianas no bairro, resistindo bravamente à tentação e embriaguez pelo novo. Como dito e redito, em Água Fria o sistema de cadernetas ainda permeia as relações diretas entre as pessoas no ato da compra e venda, em que todos se conhecem. A feira livre, as antigas leiterias ou bodegas sobrevivem à invasão dos supermercados, magazines, na condição de pontos de encontro, além de lugares de mercado. Configuram-se, assim, como enclaves de resistência, e também com um dos marcos da identidade local, compreendida como

[...] aquela ação espontânea que não foi completamente capturada e submetida à pressão da realidade programada. Capaz de se opor aos padrões de comportamento ditados, existe viva a possibilidade do despertar ou mesmo da permanência do papel ativo e intransigente do homem. (CARLOS, 1996, p. 146).

Nesse sentido, a metrópole é reconhecida como o espaço da atomização da vida, mas também o lugar onde se abrem as perspectivas do encontro, da construção de uma realidade experienciada em pequenos atos por meio dos quais se torna possível compartilhar os sentidos da dimensão existencial. Isto só pode ser possível na esfera do bairro, que se mostra imbuído “de um invólucro, que devido à sua familiaridade protege o ser humano das perplexidades do mundo exterior” (TUAN, 1980, p. 114).

No bairro de Água Fria, a feira livre e, depois, o mercado influenciaram a economia do bairro, tornando-se fundamentais para seu desenvolvimento. Como dito, foi ao redor desses elementos que se desenvolveram as primeiras atividades econômicas do lugar e, só no decênio de 1970, tais atividades passaram a ocupar os espaços mais internos do bairro, atraindo as demais formas de comércio que se instalaram no seu entorno, inclusive as grandes redes de supermercados. Todavia, não obstante a presença destes, existe ali o encontro diário entre as pessoas, a troca de contatos econômicos e sociais, permitindo a construção de um eixo de valores espaciais segundo o qual as pessoas se orientam.

Assim, na trama densa do bairro as pessoas encaram como parte de sua existência o “ir às compras”. Nessas ocasiões elas se encontram com os amigos e conhecidos. E Isto não acontece sobre o muro do quintal ou na porta de casa ou de janela para janela – se dá na rua. E essa é uma particularidade do coração de Água Fria, a de poder proporcionar o encontro sistêmico das pessoas dentro de uma trama de relações conduzidas por uma série de enredos. A exemplo do enredo vislumbrado pelo comércio local, como também de outros associados à cultura popular materializada nas agremiações carnavalescas, nas instituições afro e nos terreiros de xangô, associados também ao catolicismo romano representado pela Paróquia de Santo Antônio.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Parafraseando Souza (1989), a sobrevivência do bairro como algo mais que um referencial vazio, em que pesem as dificuldades e a diluição de sua vida, se deve, em grande parte, à identidade do lugar, embora sempre acompanhada por uma simpatia, que se realiza como afeição pelo bairro, apego ao lugar, o qual o mesmo autor chama de *bairrofilia* (1989). Trata-se de um sentimento de pertencimento ao espaço de vivência centrado nos aspectos comuns da vida do bairro (a conversa na calçada, o encontro e a conversa diária nas mercearias do bairro, a intimidade social entre os vizinhos, o jogo de bola das crianças nas ruas etc.).

A vivência do (e apego ao) bairro, conquanto seja de certo modo única para cada pessoa, necessariamente consiste num terreno mais ou menos comum para todo o conjunto de indivíduos, especialmente no que concerne ao “coração” de um determinado bairro, ponto convergente das inúmeras práticas engendradas no lugar e das características físicas e simbólicas mais singulares. Obviamente isso não é perceptível nos lugares imprecisos da cidade, as áreas de transição intra-urbana, que acabam por confundir o sentimento de pertencimento do morador de estar em tal ou qual bairro.

No caso de Água Fria, a área central do bairro constitui-se uma referência vívida e forte para toda uma coletividade, configurando-se numa parte da experiência íntima de cada indivíduo, tal qual é a rua ou o quarteirão onde se mora. Assim, a vivência do bairro acontece na rua com os vizinhos e parentes, mas também na área mais densamente habitada, onde há o maior número de atividades sociais, comumente conduzidas pelo enredo comercial do bairro. Por conseguinte, o mercado público, a feira livre ou as bodegas e mercearias conformam-se em recantos de expressiva sociabilidade, onde os temas debatidos entre o morador/freguês e o comerciante se encontram marcados por certa pessoalidade, sempre possível nessa forma tradicional de relação, em que os contatos não se estabelecem apenas entre situações mediadas pelo dinheiro, conforme já mencionado.

Outrossim, os depoimentos dos moradores e comerciantes bem demonstram a ligação afetiva do indivíduo com o lugar, revelando que no centro comercial de Água Fria há uma forte identidade de bairro, onde o homem conhece e se reconhece, porque é o lugar de vivência íntima. E que a existência de práticas sociais engendradas pelo mercado público, símbolo do enredo comercial do lugar, concentra e irradia as ações para outros recantos da célula urbana, denotando, assim, uma imagem comum do bairro para todos que ali residem.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ATLAS Ambiental da Cidade do Recife. Recife: Prefeitura da Cidade do Recife/Secretaria de Planejamento, Urbanismo e Meio Ambiente, 2000.

CARLOS, A. F. A. *O lugar no/do mundo*. São Paulo: Hucitec, 1996.

CORALNET: site oficial do Santa Cruz Futebol Clube. Disponível em: <<http://www.coralnet.com.br>>. Acesso em: 2 maio 2010.

Festas em Louvor de Santo Antônio. *Jornal do Comércio*. Recife, 14 jun. 1939.

HALLEY, B. M. *De Chapéu do Sol a Água Fria: numa trama de enredos, a construção da identidade de um bairro na cidade do Recife*. 2010. Dissertação (Mestrado em Geografia). Centro de Filosofia e Ciências Humanas. UFPE.

_____. “Coração de Bairro”: a identidade do lugar numa encruzilhada de caminhos na Cidade do Recife-PE. In: Encontro Regional de Estudos Geográficos, 10, 2009, Campina Grande. *Anais...* Campina Grande: UEPB, 2009. (Cd-Rom).

Moderno edifício para o mercado público da encruzilhada. *Jornal do Pequeno*. Recife, 11 dez. 1950.

MOREIRA, F. D. *A construção de uma cidade moderna: Recife (1909-1926)*. 1994. Dissertação (Mestrado em Desenvolvimento Urbano) – Centro de Artes e Comunicação, Universidade Federal de Pernambuco, Recife.

NÓBREGA, M. L. C. da. *Um estudo sobre as formas de apropriação do espaço público urbano pelos comerciantes de rua na cidade do Recife*. 2002. Dissertação (Mestrado em Desenvolvimento Urbano). Centro de Artes e Comunicação. UFPE.

PONTUAL, V. *Uma cidade e dois prefeitos – narrativas do Recife nas décadas de 1930 a 1950*. Recife: Universitária, 2001.

REZENDE, A. *O Recife – histórias de uma cidade*. Recife: Fundação de Cultura da Cidade do Recife, 2002.

ROLIM, A. L. *A modernidade nos subúrbios do Recife ou de como surge o edifício suburbano moderno – o caso de Casa Amarela, Afogados e Encruzilhada*. 1999. Dissertação (Mestrado em Desenvolvimento Urbano). UFPE, Recife.

SANTOS, C. N. F. dos e VOGEL, A. *Quando a Rua Vira Casa*. Rio de Janeiro: IBAM, 1985.

SEABRA, O. C. L. Urbanização: bairro e vida de bairro. *Travessia – Revista do Migrante*, São Paulo, n. 38, ano XIII, Centro de Estudos Migratórios, p. 11-17, 2000.

SOUZA, M. L. O bairro contemporâneo: ensaios e abordagem política. *Revista Brasileira de Geografia*. Rio de Janeiro, v. 51, n. 2, abr/jun, p. 139-172, 1989.

TUAN, Y. *Topofilia*. Um estudo da percepção, atitudes e valores do meio ambiente. São Paulo/Rio de Janeiro: Difusão, 1980.

Um empreendimento que honra a administração da cidade. *Diário de Pernambuco*. Recife, 25 jan. 1954.

